

«Caminho» de sucesso da Vista Alegre deve ser «replicado» pelo país

Prestígio Luís Montenegro foi à inauguração do monumento que celebra os 200 anos da marca ilhavense que tem conquistado o mundo. Primeiro ministro destacou o “casamento” feliz entre o saber industrial e a criatividade artística

Alberto Oliveira e Silva

O «caminho» de «sucesso» empresarial da Vista Alegre, que deve ser «replicado», dá a Luís Montenegro «a esperança» de que Portugal tem «um futuro» como «país desenvolvido».

Tendo presidido, ontem ao final da tarde, à inauguração do Monumento Comemorativo dos 200 anos da Vista Alegre – uma talha em porcelana pintada à mão e com dois metros de altura, cujos 200 centímetros representam cada um dos anos de vida da empresa – o primeiro ministro sublinhou não apenas a capacidade de resistência e de adaptação da marca de Ílhavo, mas também realçou a dimensão «fantástica» de uma unidade produtiva que, agregando o seu saber-fazer à criatividade de artistas de renome nacional e internacional, integrou uma capacidade criativa que gerou «peças singulares», que são reconhecidas «em todo o mundo».

Para o chefe do governo, é

claro que o sistema produtivo nacional tem a capacidade de apostar na «inovação» e de gerar «marcas globais». Montenegro reafirmou as apostas do seu executivo, sublinhando a especial importância de se apostar no “casamento” entre a ciência e o conhecimento.

Não esqueceu a necessidade de «impostos mais baixos sobre os rendimentos do trabalho e das empresas» e a existência de um sistema educativo e formativo «também ao serviço do projeto coletivo» do país.

Nuno Terras Marques, o presidente do conselho de administração (CA) da Vista Alegre Atlantis, recordou o ano de 2009, quando o investimento do Grupo Visabeira salvou a empresa e a colocou novamente na rota do sucesso. «É uma marca que, através dos seus produtos, leva o nome de Portugal aos quatro cantos do mundo», afirmou, sobre o trajeto decorrido.

O dirigente empresarial assinalou um «reposicionamento»



RICARDO CARVALHAL

Primeiro ministro sublinhou que Portugal tem a capacidade de gerar marcas globais

como «marca de excelência associada à cultura e à arte».

Adiantou que, na atualidade, a empresa «é um player internacional», exportando 75 por cento das suas produções, para mais de 90 mercados relevan-

tes, nomeadamente para os Estados Unidos da América e Europa.

Edeu a receita de sucesso, somando «um valioso património de conhecimento» a «fortes investimentos» em tecnologia

produtiva e a uma «gestão competente».

O presidente do CA ainda realçou as «dezenas de prémios de design» conquistadas anualmente pela marca Vista Alegre, assim como as «distinções»

atribuídas por publicações do setor. «É, hoje, uma empresa de futuro», proclamou, com nota de que «os colaboradores» são «os grandes responsáveis» por este sucesso.

Em nome da Capital Portuguesa da Cultura 2024, Ribau Esteves enfatizou que a VA «é mais que uma marca», sendo o resultado de «uma longa história de arrojo», protagonizada por «milhares de pessoas».

Louvando o processo «fantástico» de «construção da cultura» liderado pela empresa ilhavense, o autarca aveirense vincou que a Capital da Cultura tinha de estar também nesta comemoração dos 200 anos.

João Campolargo, o presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, sublinhou que o conceito e a unidade produtiva «cresceram juntos». Disse que a comunidade – especialmente as mulheres – ganhou postos de trabalho e retribuiu com empenho e com muita «paixão» pela firma e pela atividade que muitas pessoas abraçaram. ◀

